

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEEDU
CURSO DE PEDAGOGIA

RAQUEL APARECIDA DA SILVA

**MEMORIAL: Um percurso da formação escolar,
universitária e atuação profissional.**

Mariana

2022

RAQUEL APARECIDA DA SILVA

MEMORIAL:

Memorial de formação apresentado no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientado pela Professora: Dr^a Alexandra Resende Campos

Professor responsável: Dr José Rubens Lima Jardimino.

MARIANA

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Raquel Aparecida da Silva

Memorial: um percurso da formação escolar, universitária e atuação profissional

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia

Aprovada em 04 de janeiro de 2022

Membros da banca

Dr^a. Alexandra Resende Campos - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr José Rubens Lima Jardimino (Universidade Federal de Ouro Preto)

Alexandra Resende Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 08/11/2022



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Resende Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/11/2022, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0424237** e o código CRC **552B7D97**.

Agradecimentos

Quero deixar registrado os meus agradecimentos a cada colega de sala, de corredores do ICHS, das meninas da limpeza, da cantina que existia lá, e principalmente a todos os professores que foram fundamentais para que hoje eu - Raquel Aparecida da Silva, até muito emocionada pelo simples fato estar finalizando um trabalho acadêmico, “o tão temido TCC”, que nada mais é do que viajar em leituras e melhorar a escrita.

Agradeço a Professora Alexandra Resende Campos pela dedicação durante todo este período que antecederam minha prática, sempre me auxiliando e respondendo as minhas dúvidas. Saliento que o bom desenvolvimento deste só se torna possível devido às orientações necessárias à prática. Enfim, acredito que cabe a cada acadêmica a tarefa de tomar o mais significado possível seu processo de formação se apropriando de todo o conhecimento disponibilizado no curso e, também, se responsabilizando por sua ampliação e aprofundamento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR	2
2. VIDA UNIVERSITÁRIA	5
3. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO	9
4. DESAFIOS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

INTRODUÇÃO

Escrever um memorial é reviver momentos, é percorrer lembranças marcantes. O memorial é um relato de experiências, uma obra onde contêm fatos memoráveis de um grupo ou pessoa. O objetivo deste memorial será abordar aspectos da minha formação escolar, da minha inserção no curso de Pedagogia e os desafios da minha vivência profissional em uma escola do campo em meio ao contexto pandêmico do novo coronavírus – COVID-19.

Na vida temos momentos bons e ruins que é normal e faz parte de todos nós seres humanos, pois é através destes acontecimentos que amadurecemos. Reviver o passado nos traz uma breve reflexão do que foi o aprendizado e do que não se quer mais para a vida, principalmente as experiências ruins. Lembrar é aliviar a mente e a alma das mais diversas pressões internas, é refletir que o caminho foi longo, difícil, com muitos obstáculos, mas que cada desafio valeu a pena, mesmo que talvez não tenha sido assim tão bom. O campo educacional tem utilizado esse gênero textual como instrumento de investigação e como estratégia de formação, pois busca uma reflexão sobre as experiências formativas e seu papel de protagonista na própria formação.

1. MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Meu nome é Raquel Aparecida da Silva, tenho 42 anos, fui casada durante 13 anos em um relacionamento conturbado e abusivo. Deste relacionamento tive um filho que hoje tem vinte anos. Eu nasci no distrito de Mariana – MG, Bento Rodrigues, não existe mais, a lama levou¹. Fui criada uma boa parte da minha infância lá, onde guardo boas lembranças. Meus pais, visando melhorias mudaram para Mariana quando eu tinha sete anos. Apesar da mudança nunca deixei de frequentar, pois lá me trazia paz, alegria e muita calma. Escrever este memorial me faz refletir sobre os caminhos que percorri para chegar até aqui e mexe com os meus sentimentos, trazendo motivação para continuar minha caminhada, mesmo com todos os desafios.

Ao iniciar a escrita deste memorial tenho uma sensação gostosa ao lembrar da minha casinha, dos colegas, da minha primeira professora, minha mãe me conta carinhosamente quem foi ela e da escola do Bento que não existe mais, a lama levou. Foi lá que começou a minha primeira infância. Lembro-me que minha mãe sempre trabalhou no mato cortando eucalipto para ajudar meu pai no sustento da casa. Por sermos cinco irmãos as coisas não eram tão fáceis. Lembro-me também que mesmo com toda dificuldade minha mãe fazia questão que estudássemos e arrumava nossos materiais e roupas. Preparava um café da manhã: farinha com café; fubá suado (hoje eles chamam de cuscuz); broa e rosquinha, pois na roça não sabíamos o que era pão de sal, mas fazia isso com todo amor e carinho.

O meu maternal, foram feitos na escola do antigo Bento Rodrigues, aonde cheguei a frequentar até o segundo ano do ensino fundamental, mas com a mudança dos meus pais para Mariana e para a casa da irmã do meu pai, “tia Maria”, a quem devo muita gratidão, por que assim que chegamos em Mariana ela me matriculou em uma escolinha que levava o nome de Santo Estevão. Era um encanto de escola! Na época era considerada uma das melhores escolas de Mariana. Mas ao mesmo tempo um sentimento de tristeza com a tia Marta, pois me fez sofrer muito em sua casa fazendo coisas absurdas comigo, pegando meus brinquedos e escondendo, teve uma boneca que minha mãe ganhou onde ela trabalhava como doméstica e deu para mim, a boneca era linda, parecia uma princesa. Tinha o maior cuidado com ela, me recordo que tia Maria a tomou de mim por capricho e pendurou na parede de sua sala dizendo

¹ No dia 05 de novembro de 2015 a Barragem do Fundão, da mineradora Samarco, rompeu-se no distrito de Bento Rodrigues. O distrito foi completamente destruído e encoberto pela lama de rejeitos, deixando vários impactos ambientais na região, perdas materiais e imateriais para muitos moradores, além de causar a morte de 19 moradores.

que jamais pegaria ela, isso foi um sofrimento para mim durante anos, pois não conseguia entender tamanha maldade de uma pessoa com uma criança que não sabia se defender e pelo fato dos meus pais não intervirem. Hoje consigo entender que naquele tempo meus pais não conseguiam enxergar ou talvez por medo dela nos colocar pra fora de casa, já que morávamos de favor na casa que era dela. Mas, com o passar do tempo, não consigo guardar mágoas e até consigo rezar por ela.

Após algum tempo, meus pais decidiram me matricular em outra escola, pois já não conseguiam colocar meus outros quatro irmãos na mesma escola particular. Lembro-me que a 3ª série já estava estudando na escola Padre Avelar. Fui aluna de Dona Ana. Seu amor; entusiasmo e dedicação pela profissão ficaram marcados em minha trajetória escolar. Dona Ana me fez apaixonar pela disciplina de matemática, fui considerada a melhor aluna naquela época. Nesta mesma escola também vivi o preconceito tão cedo na pele, recordo-me que todas as datas comemorativas a escola fazia uma programação especial para que as turmas apresentassem teatro, dança música, enfim alguma coisa dentro do tema. Em uma dessas apresentações, apesar de sempre ser muito tímida, resolvi participar com as outras meninas da minha sala que seria uma dança e começamos a ensaiar. Aí veio a frustração, porque depois de ensaiar semanas, próximo ao dia da apresentação, às meninas que tinham um padrão de vida melhor do que o meu, me tiraram da apresentação. Justificaram dizendo que eu não podia estar ali e que precisavam retirar uma, porque o grupo estava grande demais. Na realidade eram pra tirar a desengonçada, a pobrezinha que não se encaixava no padrão de vida delas, o que me deixou mais triste é que tanto a professora quanto a coordenação pedagógica da escola não fizeram nada para mudar essa situação. Eu chorei muito e como não sabia diferenciar o que era preconceito, convivi com esta frustração um bom tempo.

No entanto, tinha uma coisa que eu sabia fazer de melhor: era dar orgulho para minha família, principalmente minha mãe e isso refletiam nos dias de reunião, minha mãe só ouvia elogios referentes a mim. Não consigo compreender bem o motivo, mas tivemos que mudar de escola novamente, para a escola Estadual Santa Godoy, onde fiz a 4ª série. Dizem que criança não recorda de muita coisa, engano quem pensa assim, pois me recordo de muitas coisas que vivi e presenciei na minha infância. Minha mãe sempre foi compreensiva e entendia, ela percebia meu capricho com os meus materiais de escola, já por outro lado meu pai sempre foi mais ignorante e não aceitava que fizéssemos margem ou se quer contornasse a linha de lápis de cor como a professora pedia, chegando, muitas vezes, a rasgar as folhas já preenchidas com todas as tarefas prontas. E como se não bastasse também não podia apresentar em nada na escola. Recordo-me que em umas dessas festividades, havia um torneio

todos os anos nas escolas que se chamava JEM (Jogos Escolares de Mariana), onde todas as escolas participavam. Eu sempre gostei de esporte e logo fiz dupla para jogar peteca, mal sabia que iríamos classificar para a final. No entanto, esqueci foi que meu pai não deixaria ir na final, por ser a noite. Para ele meninas não podiam sair à noite ou até mesmo andar sozinhas. Conclusão: minha dupla jogou e venceu o campeonato e como não pude comparecer ao jogo, nem a medalha de participação ganhei, me levando a frustração novamente.

Mas, fora deste campeonato, amava as aulas de Educação Física. Quando tinha alguma competição entre nós alunos, procurava dar o meu melhor, não gostando muito de perder e isso me motivava a ganhar sempre. Foi um período da minha vida muito difícil, porque eu não entendia o motivo daquilo e isso me atrapalhou um pouco, tanto no aprendizado quanto no meu emocional. O que posso dizer que apesar de todos os contra tempos e com várias mudanças de escolas, tive professores maravilhosos que procurava sempre mostrar aos seus alunos o quanto era importante estudar. Cheguei a tão sonhada 5ª série, onde foi super tranquilo e me dedicava ao máximo, mas como tudo não são flores ao chegar ao sexto ano deparei-me com um professor de matemática, chamado Eduardo, que me fez perder todo o entusiasmo e encanto de continuar a estudar e voltar para aquela escola. Em uma das suas explicações eu não havia entendido e pedi que ele me explicasse novamente. Ele deu um soco na mesa dele gritando e falou que não ia explicar mais nada porque eu estava sendo muito burra de não entender. Chorei a da tarde toda, noite e dias por isso. Fui obrigada a voltar para a escola, não sendo mais a mesma pessoa, pois criei certo bloqueio. Tudo que eu ia fazer me sentia incapaz e isso não foi só na escola, na minha vida pessoal também por uns bons anos. Mesmo assim, finalizei o ensino fundamental sendo o 7ª, 8ª, 9ª ano em Vila Velha – ES. Nesta época já trabalhava como babá e mudei com os meus patrões pra lá, pelo fato da criança ter se acostumado demais comigo. Meus patrões faziam de tudo para que eu continuasse os estudos. Iniciei e conclui o primeiro ano do ensino médio em Vila Velha. Em uma das minhas vindas para Mariana, tinha deixado uma paquera aqui e começamos a namorar à distância, o que era mais legal, pois nesta época não existia celular, era ligação por orelhão ou comunicava por cartas e foi assim por um ano. Neste meio tempo iniciei o segundo ano do médio e em uma ida do meu namorado para lá no carnaval acabei engravidando, foi um choque tremendo, pois sabia que tudo mudaria em minha vida inclusive nos meus estudos. Como já era esperado parei de estudar, casei em setembro de dois mil e dezembro meu filho nasceu, aí o meu sonho de continuar estudando ficou para o último plano.

Apesar de ter vários episódios tristes em minha trajetória escolar, durante estes anos anteriores, prefiro guardar os bons professores, colegas e alguns ensinamentos que naquele

momento não conseguia compreender, mas que hoje vejo como fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional até aqui. Das festas americanas, das quadrilhas onde muitas vezes me vestia de homem por querer tanto dançar e não ter par, dos jogos, das aulas das escolas por onde passei, umas consigo reviver visitando-as, outras só a lembrança e fotos pela internet mesmo, pois a ganância do homem destruiu famílias, sonhos, mas o que eles não conseguiram foi apagar a nossa memória. Isso devido ao rompimento da barragem.

2. VIDA UNIVERSITÁRIA

O ensino médio trouxe inúmeras incertezas, se finalizava ou não. Neste período já estava casada, trabalhando em loja de calçado para ajudar no sustento da casa e com um marido que não apoiava em nada, a não ser criticar e me diminuir sempre usando vocabulários do mais baixo calão. Em 2007 comecei a trabalhar em uma loja de calçado e lá conheci uma amiga que se chama Glaucia. Ela estava lá porque não tinha outra opção de emprego. Neste meio tempo todos os dias ela dizia: - eu ainda saio de trás deste balcão, não quero isso pra minha vida. Um dia ela chegou dizendo que tinha matriculado na escola Dom Viçoso para fazer o Magistério e porque eu não faria o mesmo. Imediatamente disse a ela que não havia concluído o ensino médio. Ela simplesmente me disse que isso era fácil, que era só eu terminar. Sorri e disse que não era tão fácil assim, pois tinha filho, marido, trabalho fora e uma casa para dar conta.

Ela não satisfeita com minha resposta, chegou ao outro dia dizendo que eu poderia me matricular no curso de magistério e fazer minha matrícula na EJA, onde concluiria em um ano o 2ª e o 3ª ano que faltava. Como era uma pessoa submissa ao marido chamei-o para conversarmos e disse que gostaria de voltar a estudar, pois tinha um sonho em arrumar um emprego. Ele riu e disse que pobre arruma trabalho e que emprego é para rico, mas para minha surpresa ele concordou e fiquei ansiosa para chegar logo o dia para contar para minha amiga Glaucia. Eu nunca tinha visto uma pessoa vibrar tanto comigo como a Glaucia vibrou naquele dia, e no decorrer do dia, assim que terminou nosso expediente que finalizava às quatorze horas, fomos logo agilizar as matrículas da EJA e do curso de magistério.

Eu só tinha esquecido uma coisa: e o meu trabalho? Pensei em pedir demissão, mas Deus sempre coloca anjos em nossas vidas e naquele dia a minha patroa foi um. Eu contei toda a história para ela e ela permitiu que eu saísse às 12:30 horas para poder chegar a tempo de fazer o curso do magistério que começava às 13:00 horas e terminava às 17:00 horas. Saia

da escola corria em casa, preparava o jantar, dava banho e comida para o meu filho e às 19 horas já estava na porta da Escola Municipal Monsenhor José Cotta para cursar a EJA. Quanta correria e cansaço nesta busca de finalizar os estudos e concluir no mínimo um curso técnico, por sentir que cursar uma Universidade estava totalmente fora do meu alcance.

Um belo dia meu marido, que hoje é ex-marido, começou a me colocar pra baixo e sempre jogava na minha cara que eu estava indo para a escola para procurar homens. Meu mundo acabou ali e naquele dia pensei em desistir. Foi quando uma tia dele, muito querida, chegou e me viu chorando e perguntou o motivo. Não tinha como esconder, falei o que havia acontecido e ela me deu a maior força. Disse que não era para eu desistir, que faltava pouco e que ele dizia aquilo porque sentia ciúmes de mim e que eu deveria entendê-lo. Ouvi aqueles conselhos e não desisti.

Concluí meu sonho de finalizar os estudos. Enfim, em 2011 finalmente eu concluí o curso de Magistério. Para mim já era um sonho ter chegado até ali. Nunca havia passado pela minha cabeça cursar uma universidade, ainda mais em uma instituição conceituada como a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Na minha concepção, e de muitas outras pessoas, a universidade era somente para pessoas ricas.

Os anos foram passando e a Glaucia continuava no meu pé para que eu fizesse uma faculdade. Em 2015 cheguei a cogitar essa possibilidade, mas como já não suportava mais viver naquele casamento abusivo, tomei a melhor decisão da minha vida que foi me separar. No início não foi fácil, pois apesar de todo o sofrimento, pensei que ia morrer. Ouvia várias críticas, apontamentos, julgamentos, mas me mantive firme na minha decisão. Então em 2016, já um pouco recuperada do processo da separação, resolvi e fiz minha matrícula no curso de Pedagogia na instituição Uniuber, faculdade à distância em Ponte Nova – MG. Uma vez por mês tinha que ir até a instituição para assistir a aula presencial, o que também não foi fácil. Por algumas vezes só tinha o valor da passagem de ida e volta, e cansei de levar laranja ou ovo cozido para matar minha fome. Em alguns dias não tinha nem laranja ou ovo, tomava água para saciar minha fome até retornar para minha casa e assim poder fazer uma alimentação. Foi um ano assim, até que surgiu um processo na UFOP de transferência. Corri atrás e quando saiu o resultado a única coisa que sabia fazer era chorar e agradecer a Deus por ter me concedido a graça em realizar mais um sonho.

Em 2017 finalmente ingressei na tão sonhada Universidade Federal de Ouro Preto no curso de pedagogia. Quanto orgulho sentiu de mim mesma, por muitas vezes cheguei a pensar que realmente aquele professor de matemática tinha razão. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia do meu potencial e o quanto eu sou capaz de mudar a minha vida, a minha história e a minha

trajetória. Lembro que no meu primeiro dia no ICBS me senti um peixinho fora d'água, porque era tudo muito novo para mim. Um dia, na minha humilde perspectiva do que conhecia do espaço escolar, cheguei a pedir ao professor para ir ao banheiro e tomar água. Todos os olhares se voltaram para mim. Já o professor, muito educado, disse que sim e que quando algum aluno sentisse necessidade, era só pedir licença e sair. Foram muitas gafes, medos, inseguranças, timidez em falar em público, mas que teve muito aprendizado também.

Apesar da alegria de estar ali, novamente tive uma professora no quarto período, me tirou do chão em uma das minhas apresentações de seminário proposto por ela. Novamente tive que tirar forças e coragem para não deixar aquele episódio me dominar e colocar tudo a perder. Por respeito a ela não vou citar o nome, mas a mesma relação ela não teve comigo e nem com vários colegas da minha turma. Recordo-me que numa quarta-feira, dia em que esta professora dava sua aula nos dois últimos horários, sempre mal educada com todos. Era dia do meu grupo apresentar um seminário, ao iniciar minha colega de grupo fez a apresentação do trabalho. Enquanto isso observamos que a professora estava mexendo no seu celular, sem prestar atenção no que estávamos falando. Ao chegar minha vez, comecei a apresentar, de repente escuto uma voz em tom alto dizendo: para tudo, para tudo, neste momento me dei conta que era comigo que ela estava falando. A queixa dela era de que eu não estava olhando para a turma, pois minha colega estava me tampando e que eu deveria me apresentar melhor. Neste instante todos ficaram sem reação, olhando para mim sem entender nada e nem eu. Como já relatei tinha muita dificuldade em falar em público, mas naquele dia estudei e tinha certeza que estava apresentando bem e segura de mim. Neste meio tempo ela pediu que continuasse, mas infelizmente já não tinha condições de continuar ali na frente. A única coisa que conseguir fazer foi retirar-me da sala, ir para o banheiro e chorar. Chorei tanto que pensei que ia passar mal. Mas, no ICBS as pessoas são muito humanas, consegui fazer muitas amizades. Não permaneci sozinha ali, pois as meninas ficaram comigo me consolando e me colocando pra cima, dizendo que quem não estava nem aí para a aula era a própria professora.

Foram dias e anos de muitos desafios, porque moro um pouco distante do ICBS e como não podia gastar dinheiro de passagem com mais um transporte, por já gastar para ir trabalhar num distrito de Mariana- MG, em uma Escola Estadual, tinha que sair às 22:40hs e subir o bairro do Cabanas sozinha, enfrentando o medo e correndo todos os riscos que uma mulher sozinha corre na rua este horário. De segunda-feira à quinta-feira, esse percurso era super deserto. Na sexta melhorava porque os moradores começavam a sair para curtir o final de semana. Isso foi debaixo de chuva, frio e cansaço. Mas sabia que não podia desistir e que tem alguém que precisa se espelhar em mim, meu filho Brenno. Ele sempre foi o meu porto

seguro. Por inúmeras vezes chegava estressada, cansada dizendo que ia desistir. Imediatamente ele me dizia palavras de conforto, incentivo e muitas vezes me ajudou nos trabalhos, na formatação, na elaboração de slides, ficando ali comigo até de madrugada para que eu não dormisse e conseguisse concluir o trabalho. No início tive bastante dificuldade em manusear estas ferramentas, que até então era desconhecida por mim, não por não querer, mas sim porque as condições financeiras não permitiam. Gratidão resume o meu sentimento por ele.

Hoje quase finalizando o curso, já sinto saudade desde lá do começo onde trilhei com pessoas maravilhosas, que me ensinaram muito na vida acadêmica e pessoal também. A universidade me trouxe dias difíceis, mas a sorte de ter encontrado tantas pessoas maravilhosas que me colocavam pra frente toda vez que pensava em desistir e que com certeza tornavam meus dias e noites mais leves. Nas divisões dos trabalhos tinha sempre aquela que sabia da minha dificuldade em falar em público, sempre arrumava um jeitinho de me ajudar na minha vez. Quanto carinho e proteção eu sentia naquele momento! Apesar da minha timidez, sempre procurei oferecer meu ombro amigo para aqueles que de certa forma, com jeitinho, me pedia simplesmente com um olhar, eu entendia e dava sem pedir nada em troca, já sinto saudades. Muitas vão deixar saudades, mas em especial tem aquelas que com toda certeza merecia receber um pedacinho do meu diploma que são elas: Ana Carolina ao qual tinha vontade de carregar no colo, Any Carolina, Luana, Naiara, Karina, e agora no finalzinho a Junia que me ajudou demais nestes últimos dias. Serei eternamente grata por tudo que fizeram por mim. A Luana, sempre me motivando, me dizendo coisas que na realidade nem eu acreditava que era capaz. Any quando a vi pela primeira vez pensei: antipática, mas que coração de ouro essa menina tem, gratidão eterna. Elas foram além do acadêmico, me dando ensinamento de vida, apesar delas também ter seus problemas nunca deixava de amparar a quem precisasse. São tantas lembranças que já me pego chorando em pensar que no próximo semestre já não a verei nas telinhas do celular, notebook. No início de 2020, nos deparamos com um vírus que foi capaz de separar todas nós, o mundo na verdade. Escolas, universidades, lojas fecharam, assim como todos os outros seguimentos não considerados essenciais.

O retorno das aulas remotas ocorreu só no início de 2021. Desde as últimas aulas não nos encontramos mais. A nossa formatura foi reprogramada para o ano de 2022, estando todos vacinados. Para muitos alunos da turma 17.1, o ensino irá terminar de forma remota, o que me deixa triste por saber que não verei mais algumas amigas de turma, por morarem fora ou por trilharem outros caminhos. Mas, acredito que um dia nos encontraremos novamente e, assim

poderemos dar um abraço de muito obrigado por tudo, coisa que no atual momento não pode acontecer.

No decorrer do curso também conheci professores incríveis que marcaram minha vida acadêmica. Helena, Liliane, Fernanda, Luana Tolentino, Alexandra Campos, Marco Melo, dentre tantos outros, que me permearam com seus conhecimentos e fizeram que eu tivesse outra visão crítica sobre o mundo acadêmico e o que me rodeia. Em contrapartida, apesar destes desafios, todos tanto no acadêmico quanto na vida profissional, consegui me reencontrar no esporte. Hoje sou corredora amadora, sendo fundamental esta atividade para aliviar o stress. Nas horas de desespero, saia correndo para recarregar as energias e colocar a cabeça em ordem. Hoje tenho a certeza que em 2015, quando tomei aquela decisão de sair daquele relacionamento abusivo, foi a melhor decisão da minha vida. Acredito que se estivesse nele, não teria chegado tão longe como cheguei.

Outro grande marco da minha vida foi o meu filho Brenno tirar uma nota boa no Enem e conseguir ingressar na UFOP. Iniciará no semestre 2021.2, no curso de Letras. Ainda continuará se preparando para o Enem, pois quer trocar de curso, deseja cursar Automação. Sonho realizado em dose dupla.

Ao iniciar a graduação pensava apenas na educação infantil, algo que sou apaixonada. Hoje me vejo trabalhando em todas as áreas, já atuo na parte administrativa e porque não ir mais longe numa gestão por exemplo. Neste momento quero finalizar o curso e quem sabe mais a frente fazer outra graduação, mestrado.

3. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Desde criança sempre sonhei em ser professora e apesar de todo o obstáculo encontrado ao longo da minha trajetória este sonho não ficou apenas em pensamento, tornando realidade em 2011 e agora finalizando o curso de Pedagogia em 2022. Em fevereiro de 2012, houve um processo seletivo oferecido pela prefeitura Municipal de Mariana/MG, que oferecia vários cargos. Muito decidida em seguir na profissão docente preparei toda documentação e fui ao encontro do meu sonho. Neste ano iria concorrer à vaga de Monitora de Ensino Especial que exigia o ensino médio completo e o magistério, que conclui com muita luta. Chegando ao local fui informada que não poderia concorrer por não ter a formação solicitada. Neste momento meu mundo caiu por alguns segundos, até que uma prima que estava no local me orientou que poderia concorrer porque tinha tudo que o edital exigia. Imediatamente peguei o papel exposto na parede e levei até a moça e expliquei que

poderia concorrer sim, pois tinha tudo que era pedido. A funcionária sem entender muito pegou o papel e disse que realmente eu poderia concorrer sim à vaga e me pediu os documentos. Enfim, contratada para trabalhar com uma criança autista no distrito de Barroca, pertencente a cidade de Mariana/MG, o que resultou em três anos de muito aprendizado e conhecimento. Nestes anos percebi o que realmente era uma sala de aula e uma instituição de ensino, já que tinha outra visão do que era uma sala de aula.

Apesar de alguns desafios valeu muito a pena trabalhar nesta instituição e com este aluno. Já em 2016 comecei a participar de designações que acontece todos os anos oferecidos pelo Estado, visto que fiz um concurso em 2011 para ATB (Assistente Técnico de Educação Básica). Não consegui ficar entre os primeiros colocados por não ter dedicado tanto aos estudos, mas mesmo assim sempre chegava minha vez na listagem. Recordo que neste primeiro ano, quando chegou minha vez na lista fui designada para o distrito de Furquim, como várias pessoas diziam que o acesso era difícil, acabei deixando de lado.

No ano seguinte passei pelo mesmo processo e acabei não assumindo pelo mesmo motivo citado anteriormente. Neste tempo descobri que há certa concorrência em relação a educação, em que alguns profissionais falam um monte de coisas para desanimar o concorrente a vaga. Foi o que aconteceu comigo nestes dois anos. Apesar de todos estes contratemplos em 2016 comecei a trabalhar com ATB na Escola Estadual Dona Reparata, localizada no distrito de Cachoeira do Brumado, onde pude realmente conhecer a realidade de uma escola. Em 2017, enfim concorri a uma vaga e finalmente fui para a Escola de Furquim – Escola Estadual Monsenhor Moraes onde atuo como ATB (Auxiliar de Secretaria). Foi uma experiência desafiadora, pois tinha que acordar todos os dias às 05 horas da manhã para embarcar no ônibus às 06:30 horas, chegando à Escola às 07:20 horas. Fiquei um ano nesse processo de muita luta, aprendizado e experiência, tanto no administrativo quanto na sala de aula e todo o corpo escolar. Já em 2018 ao concorrer a vaga novamente não consegui por ter pessoas com mais tempo de serviço que eu. Neste meio tempo consegui trabalhar novamente como monitora de Ensino Especial pela prefeitura de Mariana, na escola Centro Municipal de Educação Padre Avelar - Cempa com um autista severo. Encontrei algumas dificuldades pra lidar com a situação, mas com apoio da escola e colegas consegui fazer um bom trabalho com a criança. O mais interessante que neste ano trabalhei com duas crianças autistas com grau totalmente diferente um do outro. Foi uma experiência incrível que vou levar para a minha vida pessoal e acadêmica. Foi um ano muito enriquecedor em todos os sentidos. Consegui finalizar o ano com sentimento de que estava valendo a pena a escolha de estar me formando na área da educação.

No início do ano de 2019 não foi diferente, porque esperava pela saga da designação de todos os anos. Só quem participa sabe da angústia e do desespero de saber se vai conseguir ou não uma vaga. Apesar de todo ano sofrer, consegui logo no início a vaga na Escola de Furquim novamente, confesso que fiquei feliz. Apesar da distância e do cansaço do deslocamento, já me sentia em casa trabalhando nesta comunidade. Fui recebida com tanto carinho e também tenho um carinho enorme por todos. Tudo correu normal neste ano, como de costume, e finalizamos o ano letivo já com a expectativa de no ano seguinte conseguir uma vaga.

4. DESAFIOS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

O ano de 2020 também não foi diferente em relação ao ingresso em alguma instituição, tendo que participar de processo de designação e acompanhamento de listagem, na esperança de conseguir ingressar em uma instituição de ensino oferecida pelo Estado. Vale ressaltar que o Estado altera sua resolução a todo instante e em uma dessas mudanças a pessoa que ocupa o cargo vago pode permanecer no cargo por mais trinta dias, prorrogando o contrato e aumentando a sua pontuação para a próxima contagem de tempo.

Como é de conhecimento de todos, 2020 foi um ano muito difícil e possivelmente será um marco na história mundial em virtude da pandemia do novo coronavírus – COVID 2019. Ainda que se trate de uma questão de saúde pública, afetou o cenário mundial em seus mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais e, afetando também o campo educacional. Diante do isolamento social, determinado com maior ou menor rigor nos mais diferentes países, noticiaram-se logo nos primeiros 30 dias de contágio mundial, levando milhões de crianças e adolescentes, universitários a ficarem afastados das salas de aula pelo fechamento das escolas. Esta paralisação compulsória trouxe, inevitavelmente, ao centro do debate educacional o uso das tecnologias educacionais e da internet para a realização de atividades escolares não presenciais.

É importante ressaltar, logo neste primeiro momento que a disponibilização de ferramentas online para a realização de atividades remotas distancia-se do conceito de Educação a Distância (EAD). Contudo, diante da situação emergencial, governos estaduais e municípios, prescindindo da estrutura necessária para a prática de EAD, deparou-se com a necessidade de concentrar esforços na preparação dos professores para o desenvolvimento de situações de aprendizagem remota, que em geral, estão sendo mediadas pelo uso das tecnologias. Diante disso foi demandada, por parte dos docentes, a capacidade de

experimentar, inovar, sistematizar esse conhecimento e avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos, fazendo o melhor uso possível dessas ferramentas, cujo uso, para muitos, era até então desconhecido. Trata-se de um grande desafio para as secretarias de educação, para os docentes e estudantes e de um processo lento de aceitação até que se colham os resultados, afinal é uma vasta rede de ensino, considerando a realidade das escolas públicas no Brasil.

É inegável que esta pandemia tem evidenciado a desigualdade que demarca nossa sociedade, pois enquanto algumas crianças tem acesso as tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico adequado em casa, seja pelo fato de os responsáveis não se dedicarem à realização das atividades ou, ainda por situações de extrema pobreza e vulnerabilidade social.

Foi este contexto que me deparei em relação aos desafios pedagógicos na Escola que atuava em 2020. A Escola de Furquim é uma escola do campo e quilombola, localizada no distrito de Mariana-MG. A Escola possui 273 alunos, matriculados entre o 1^a ano do ensino fundamental até o 3^a ano do ensino médio, oferecendo também a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar quando mais novos, por motivos diversos (inserção precoce no mercado de trabalho; auxílio no sustento financeiro da família; incompatibilidade de horário devido às demandas pessoais, entre outros motivos). A instituição atende estudantes das comunidades ao seu redor. São comunidades carentes que enfrentam vários desafios no seu dia a dia: falta de um local adequado para estudar; ausência de recursos digitais e dificuldade para acessarem a internet. No ensino presencial a Escola oferecia as condições necessárias, ainda que não seja em condições ideais, para que os alunos consigam realizar seus estudos e lutar por seus direitos dentro e fora da instituição. Com o contexto da pandemia a escola Estadual Monsenhor Morais se viu totalmente desamparada no que se refere ao apoio pedagógico remoto, já que a maioria dos alunos não tinham condições sequer de assistir uma aula online. Muitos tinham que sair das suas casas e subir até um lugar mais alto ou até mesmo sair caminhando pela estrada para encontrar um melhor sinal de conexão à internet. Tentando sanar essas dificuldades surgiu a ideia de elaborar os PETs (Programa de Educação Tutorial) para todos os alunos, para que os mesmos não ficassem de fora das atividades remotas. Percebemos que muitos pais e demais familiares ficaram totalmente perdidos, por não saberem ler, escrever e por não terem um capital escolar que permitisse o acompanhamento pedagógico dos estudantes.

Neste momento a equipe pedagógica (professores, diretor, vice-diretor, pedagoga) se mobilizou para encontrar a melhor forma de não perder estes alunos. Apesar de não atuar em

sala de aula, percebi o quanto professores e alunos tiveram e estão tendo dificuldades até o momento para recuperar o tempo em que as atividades foram desenvolvidas remotamente.

O retorno presencial foi gradativo, podendo receber no máximo dez alunos em cada sala dependendo do número de alunos. Na Escola Estadual Monsenhores Morais não tiveram muito problema no início do retorno presencial, por não haver o transporte que carrega os alunos das localidades vizinhas, o que significou em salas de aulas vazias. Já no segundo momento houve um número maior de alunos, em decorrência do retorno parcial do transporte escolar. Em setembro o prefeito decretou que todas as escolas do município voltariam à normalidade, mas o que não ocorreu, pois muitas escolas municipais e estaduais não tinham sequer condições de receber seus alunos, ficando assim, só as escolas do Estado funcionando, causando um transtorno enorme. Frisando mais uma vez que muitos dependem do transporte desde o ensino fundamental, médio e EJA. Como já relatado, apesar de não atuar em sala de aula, percebi que toda a comunidade escolar sentiu e ficou prejudicada, pois não houve apoio necessário, por parte dos governos, em oferecer os recursos e a formação necessária aos docentes, estudantes e familiares para enfrentar o contexto pandêmico atrelado aos desafios do ensino remoto. Fica evidente que o ensino remoto trouxe diversas mudanças para o cenário educacional, que alguns assuntos foram colocados em pautas, como a utilização de tecnologias como aliadas em sala de aula, as desigualdades de acesso às tecnologias digitais, a valorização do professor e a importância da participação da família no processo educacional. É importante ressaltar que o ensino nunca mais voltará a ser o mesmo, embora ainda haja grandes desigualdades presentes em nosso meio, o ensino remoto abre precedentes para novas ferramentas de aprender e reaprender, e para descobrirmos um mundo de oportunidades e amplitudes educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posso dizer que escrever este memorial acadêmico me trouxe um mar de emoções boas e outra nem tanto. O lado bom foi reviver momentos e fazer uma viagem ao passado, não fazia isso há tempos. Lembrei de momentos e pessoas especiais que foram importantes e fundamentais em minha vida, tanto para o lado pessoal e profissional. Os aspectos ruins foi por perceber que hoje não aceitaria a metade do que vivi, mas que de certa forma também serviu para o meu crescimento pessoal, me ensinando a ser uma pessoa melhor e consciente dos meus direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **O memorial no espaço da formação acadêmica:** (re) construção do vivido e da identidade. *Perspectiva: Florianópolis*, v. 28, n. 2, p. 601-624, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p601> Acesso em 20 de dez. 2021

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação** - quando as memórias narram a história da formação. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf Acesso em 15 de dez. 2000.